

no processo empírico de construção da leitura.

Robson Coelho Tinoco (docente da Universidade de Brasília), no texto intitulado “Percepção do mundo na sala de aula: Leitura e literatura”, sustenta a defesa de uma escola enquanto representação de uma proposta de inter-relação social, fundada na “fraternidade produtiva entre pessoas que poderiam, de fato, ajudarem-se mutuamente”. Este idealismo político na discussão sobre o ensino da literatura constitui uma das novidades mais importantes da obra – vertente comungada na generalidade das posições designadamente pela discussão de questões com contornos éticos e antropológicos (inspiradas no pensamento de autores como Zygmunt Bauman) numa aproximação de linguagem, literatura, ensino e educação.

Vera Teixeira de Aguiar (reputada estudiosa na área do ensino da literatura, docente da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre) encerra o volume, com o texto “O saldo da leitura”, lembrando possibilidades de leituras fecundas quando o leitor estabelece uma relação compreensiva com os textos. Mais uma vez, a defesa de uma revitalização da “história individual e social” por via da sua projecção consciente na dinâmica da leitura, caminhada gratificante na “descoberta de modos alternativos de ser e de viver”, pela simples razão de que “o grande saldo da arte é o de desvelar ao homem sua própria humanidade”.

Uma referência se impõe a outros estudiosos do consistente espaço teórico, institucional e político, do ensino da língua e da literatura, área cada vez mais fortalecida sob o signo da educação. Entre autores citados nos capítulos ou referenciados nas respectivas bibliografias, refiram-se Regina Zilberman, Ezequiel Theodoro da Silva, Joao Wanderley Geraldi, Angela Kleiman e Marisa Lajolo.

Cristina Mello

POINT OF VIEW, PERSPECTIVE AND FOCALIZATION. MODELING MEDIATION IN NARRATIVE

PETER Hühnh et al. (eds.)

Berlin, Walter de Gruyter, 2009

305 páginas, ISBN: 9783110218916

Quem quiser conhecer o que se tem produzido nos últimos anos sobre o processo de *focalização* na narrativa não pode deixar de ler *Point of view, perspective and focalization. Modeling Mediation in Narrative* (New York, Berlin, 2009), ainda sem tradução para o português. O volume reúne diferentes abordagens sobre o assunto, escritas por alguns dos principais nomes dos estudos narrativos mais recentes. A maioria dos textos da obra originou-se num congresso realizado na Universidade de Hamburgo, pelo grupo de pesquisa “Narratology”, em outubro de 2006, do qual participaram pesquisadores de diversas e importantes universidades. O livro tem dois

objetivos principais, como explica um de seus organizadores, Peter Hühn, na “Introdução”: oferecer uma visão e um sistema de abordagem atualizados para o problema da *mediação* nos textos literários, bem como aplicar o conceito a outros meios narrativos, incluindo performances dramáticas, filmes e jogos eletrônicos. A meu ver, destacam-se positivamente na obra alguns textos que discutem aspectos controversos da conceituação de focalização, dialogando com outras áreas de saber. Nem sempre, no entanto, o avanço na discussão do conceito é alcançado, permanecendo, por vezes, mais uma substituição terminológica para os velhos impasses. De qualquer modo, o livro é uma importante referência na retomada, revisão e ampliação dos estudos sobre esse elemento da narrativa, dando ao mesmo tempo a dimensão do quanto ainda é um ponto discutível e polêmico, sobretudo quando se pensa na sua formatação complexa na narrativa moderna e pós-moderna.

O termo *mediação*, apresentado na segunda parte do título, é utilizado para abrigar os três componentes da primeira parte. Segundo Hühn, a representação na narrativa ficcional, que passa pela seleção, combinação, perspectivização, interpretação, avaliação de informações, é realizada, em última análise, pelo autor que, no entanto, pode delegar a *mediação* para algum agente intermediário, tipicamente um narrador e, a um nível inferior, para uma ou mais personagens (personagem

focalizadora). Os termos *perspectiva*, *ponto de vista* e *focalização* são utilizados por diferentes autores no corpo do texto quase como sinônimos, sem ser valorizada uma discriminação precisa.

O livro, com cerca de 300 páginas, está dividido em três partes. A primeira, com um número maior de capítulos, objetiva, de variados ângulos, redefinir focalização, especialmente o conceito de Gérard Genette, sobretudo em relação à distinção entre modo e voz. A segunda parte dedica-se a aspectos mais específicos, ainda pouco explorados pela teoria da focalização. O último grupo de artigos aplica conceitos narratológicos para analisar a *mediação* em outros meios: teatro, cinema e computador.

Certamente, Gérard Genette é o interlocutor mais proeminente no livro, ecoando um embate mais amplo da chamada narratologia pós-clássica com a clássica. Para Jan Christoph Meister e Jörg Schönert, no capítulo de abertura do livro em resenha, “The DNS of mediacy”, a teoria formalista, estruturalista, bem como as mais tradicionais teorias hermenêuticas tendem a conceituar narrativa como um dado, isto é, um artefato que existe como um todo completo e estável. Segundo os autores, a abordagem estratificatória da narrativa, apresentada por Genette, modela a lógica da representação em camadas sistemáticas a-temporais e independentes: uma camada de focalização, em seguida, uma camada de distância, em seguida, uma camada

de ordem, etc: “the rigid systematic architecture of the analytical approach thus projects a-temporal systematicity onto its object” (p.14). Como argumentam, narrativas do realismo do século XIX podem tender a apresentar uma organização de discurso livre de indicadores contraditórios, mas a literatura moderna e, particularmente, a pós-moderna apresenta claramente demandas mais complexas aos leitores e, portanto, à teoria narratológica.

Tal separação na análise dos elementos, especialmente entre voz e modo como o faz Genette, também incomoda David Herman, no capítulo “Beyond Voice and Vision: Cognitive Grammar and Focalization Theory”. Como alternativa complementar ao que chama de um “piecemeal or atomistic way” (p.132), o autor propõe modelos da narratologia e da linguística cognitivas que oferecem recursos mais detalhados para lidar com qualidades e nuances de distintas formas de focalização. Explica o autor: “In short, in contrast with earlier focalization theory, a cognitive-grammatical approach points the way toward a more unified, integrative account of perspective and its bearing on other aspects of narrative production and processing, including stylistic texture (e.g., verb tenses and moods), the spatio-temporal configuration of storyworlds, the representation of consciousness, and narrative thematics (p.134).

Relacionada a tal aspecto, outra crítica emergente em mais de um capítulo refere-se à compreensão limitada da

natureza da focalização em si, à restrição do processo a um ou outro dos seus componentes. Para Jan Christoph Meister e Jörg Schönert, a predominância terminológica de metáforas visuais, óticas e espaciais (perspectiva, foco, distância, etc), bem como a sistematicidade objetiva que caracteriza a narratologia estruturalista traem tanto seu desprezo metodológico pela interdependência processual e dinâmica dos atos de percepção, quanto por atos de cognição/emoção e atos de mediação/textualização.

No mesmo sentido, Christian Huck, em “Coming to our Senses: Narratology and the Visual”, acusa a “narratologia clássica” de reduzir o ato perceptivo a uma tomada quase que exclusivamente visual: “classical narratological theory, from Henry James to Franz Stanzel and Gérard Genette, was developed in response to the novel of the 18th and 19th centuries. Given that these centuries mark the heyday of the primacy of visual observation, it comes as no surprise that the classical texts of this era and subsequently the theories concerned with these should also show a strong visual bias (cf. Klepper 2004). Por consequência, “the narrator – or character whose perceptions the narrator reports – is generally conceived as a subject that perceives its (fictional) world almost exclusively visually (p.204).

Talvez Tomáš Kubíček, em “Focalization, the Subject and the Act of Shaping Perspective”, tenha razão quando

afirma que muitas das divergências existentes entre a narratologia clássica e a pós-clássica assentam em uma confusão de objetos. “For Genette and his disciples this subject is the *narrative* (which itself is focalized); for Mieke Bal and her disciples it is the *story* (which is focalized by means of the focalizers)” (p. 183-184). Gérard Genette se recusa a ligar a focalização às personagens, considerando-a uma categoria superior, diferentemente do que entende Bal. Para o crítico francês, focalização depende de uma limitação na quantidade de informações que o discurso narrativo estabelece em relação ao mundo ficcional. Em Bal, trata-se de uma atividade resultante de informações que já foram selecionadas; é por isso que ela não fala em uma “focalização zero”.

Estas são as palavras exatas de Genette: “*focalizado* solo se puede aplicar al proprio relato, y *focalizador*, si se aplica a alguien, solo puede ser al que focaliza el relato, es decir, el narrador o, si se quiere salir de los protocolos da ficción, el *autor*, tanto si delega en el narrador su poder de focalizar, o no, como si no lo hace” (*Nuevo Discurso del relato*, 1998: 50). Tomáš Kubíček leva em conta tal afirmação e os exemplos analisados por Genette para defender: “his ‘narrator’ comes close to the concept of the author, and often overlaps with the concept of the implied author” (p.184). O analista assim ressalta a ideia de que, em última análise, quem focaliza o relato é mesmo o autor (ou autor implí-

cito), que delega ou não ao narrador seu poder de focalizar. É justamente essa compreensão que leva Kubíček a relacionar a teoria genettiana com o conceito de “sujeito” do estruturalista de Praga, Jan Mukarovsky: fonte imaginária e epistemológica, reconstruída pelo leitor, que aponta para uma intencionalidade geral do texto. Essa compreensão parece aproximar-se da ideia de *mediação* de Hühn, já referida aqui. Meister e Schönert, assim como Herman, vão no mesmo sentido, com seus respectivos conceitos de *mediacy* e *conceptualization*, respectivamente, querendo ressaltar um processo mais genérico capaz de abarcar as relações entre modo e voz, permitindo tanto a narradores quanto a personagens o comando da focalização.

Enfim, como percebemos, a releitura dos parâmetros legados por Genette e pela narratologia clássica em geral, realizada na obra em resenha, levanta questões pertinentes e faz avançar a compreensão do processo de focalização. Essa retomada tem muito a ver com o reconhecimento da importância do passo dado por Genette ao perceber que pode haver uma diferença de grau entre quem narra e quem percebe. Alain Rabatel, no capítulo “A brief introduction to an enunciative approach to point of view”, evidencia exatamente isso: “Beyond the differences, what remains – and this is one of Genette’s unsurpassed (and unsurpassable) achievements – is the distinction between mode and voice, in other words the possibility for the narrator to tell a story with his own

voice while allowing other enunciative sources to be heard, even when they do not take the form of discourse” (p.95). A partir de tal reconhecimento, o livro destaca a necessidade de rearticular o modo e a voz na análise da focalização, por intermédio de uma abordagem mais unificada e integradora dos níveis narrativos. Especialmente por isso e pela sugestão de novos modelos de análise que relacionam percepção, cognição e expressão linguística/estilística, *Point of view, perspective and focalization* revela-se um importante contributo aos estudos narrativos e merece a atenção dos leitores.

Raquel Trentin Oliveira

BLAKE, DELEUZIAN AESTHETICS, AND THE DIGITAL

CLAIRE COLEBROOK

London, Bloomsbury Literary Studies, 2013

[1.ª ed., Bloomsbury Literary Studies, 2012]

200 páginas, ISBN 9781472523280

A potência de um estudo teórico se encontra menos no experimentalismo em categorizar *epistèmes* sobre uma poética insurgente do que, numa abordagem transdialógica, em perspectivar o legado ocidental sobre estética para, a partir disso, visitar os fundamentos da arte, num trabalho ao mesmo tempo de incorporação, desconstrução e resignificação para significar o *isto* estético da contemporaneidade. Tal maturidade hermenêutica torna-se fecunda nas mãos de Claire Colebrook.

Autora de estudos como *New Literary Histories* (1997) e *Ethics and Representation* (1999), Colebrook apresenta em sua recente obra, *Blake, Deleuzian Aesthetics, and the Digital*, um ambicioso estudo sobre William Blake. Ao convocar seu repertório teórico, Colebrook não apenas ressignifica a poética blakeana, como repensa a estética, de modo a enlaçar a arte contemporânea que, de quando em quando, flerta com dígitos emergentes no contexto tecnológico computacional.

Ao trabalhar com a densidade hermenêutica de teorias estéticas e filosóficas consagradas – de Platão, de E. Kant, de M. Heidegger, de H. Arendt, de G. Deleuze e de F. Guattari –, o diferencial de Colebrook é fornecer o liame conceitual para se pensar uma estética do ‘dígito’. A autora opta por não se colocar na esteira de categorias experimentais, nas quais o ‘digital’ é erigido como o atual ‘tecnológico’. Sua obra convoca o legado sedimentado pela *sofia* ocidental para erigir um arco conceitual da arte capaz de abranger a antiguidade clássica e a contemporaneidade científica. Por esse caminho teleológico, a autora traz uma abordagem ímpar, profundamente contemporânea e madura.

Se a ilustração e diagramação da capa do livro – a trazer o modelo editorial da Bloomsbury – pouco sinalizam sobre o seu conteúdo, as informações carimbadas na contracapa situam o leitor com o estudo proposto. E é em tal texto, embora curto altamente contex-